

Editorial

Este número da Revista de Morfologia Urbana traz um conjunto de dez artigos selecionados dentre mais de uma centena de trabalhos apresentados no PNUM 2019 – o oitavo encontro anual da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, realizado em Maringá, no estado do Paraná, no sul do Brasil – abordando o tema “Forma Urbana e Natureza”.

Além destes dez artigos, outros dois estão publicados na seção aberta deste número da revista. “O conceito de rendimento da escola italiana de morfologia: um parâmetro para a boa forma da cidade”, Higor da Costa e Renato Leão Rego, expande ideias do criativo teórico Gianfranco Caniggia, da escola italiana de morfologia, em direção a contextos urbanos e seu uso em projetos de novas áreas. “Percepções do ambiente construído e sua associação com a caminhabilidade objetiva”, de Karina Guimarães Silva, Ana Luiza Leão, Mariana Urbano e Milena Kanashiro, discute a influência da forma sobre o caminhar a partir da sistematização e aplicação de índice capaz de apontar para o papel dominante de percepções de funcionalidade, estética e destinos.

No dia 5 de novembro de 2019, perdemos um dos grandes teóricos da arquitetura, da cidade e das relações entre sociedade e espaço, Bill Hillier. Criador da teoria da sintaxe espacial e de muitos de seus métodos, expandindo uma visão inteiramente relacional sobre o espaço e suas relações com o mundo social, Hillier é homenageado nesta edição, na seção PERSPETIVAS. Reunimos alguns de seus orientandos e colaboradores lusófonos, e incluímos a tradução de um belo *In Memoriam* do fenomenólogo americano

David Seamon. Os orientandos brasileiros Frederico de Holanda, Edja Trigueiro, Luiz Amorim e Vinicius M. Netto conviveram com Hillier em diferentes momentos de sua trajetória, em Londres – das definições iniciais da sua teoria nos anos 1970 ao seu estabelecimento global como campo disciplinar nos anos 1990 e 2000. Já o português Miguel Serra atuou como colaborador direto de Bill Hillier de 2013 a 2016, enquanto *Research Associate* na UCL. Esses depoimentos se alternam entre revisitas às contribuições de sua teoria e experiências pessoais e intelectuais vividas com um dos pensadores socioespaciais mais originais dos séculos XX e XXI. Ainda temos as leituras de pesquisadores e colegas do grupo de pesquisa de Edja, trazendo suas impressões sobre o impacto de Hillier em seus entendimentos da arquitetura, da cidade e do mundo. A fotografia de Bill Hillier que abre a seção foi feita em Trafalgar Square, na escadaria projetada pelo escritório de Norman Foster com consultoria do laboratório de Hillier, conectando a praça diretamente à National Gallery ao fundo, injetando grande animação naquela área, no coração de Londres, desde o início dos anos 2000.

Por fim, a seção Relatórios traz o relato de Stäel de Alvarenga Pereira Costa sobre o PNUM 2019, no qual ela descreve brevemente as principais atividades desenvolvidas no encontro, e comenta alguns aspectos do evento que lhes chamaram especialmente a atenção. Além disso, explora aspectos mais gerais sobre como o evento contribuiu para a consolidação do campo da morfologia urbana nos países de língua portuguesa.

Seção especial com trabalhos selecionados do PNUM 2019

A Portuguese-Speaking Network of Urban Morphology ou a Rede Lusófona de Morfologia Urbana teve seu evento mais recente (PNUM 2019) em Maringá, PR – no qual foi abordado o tema Forma Urbana

e Natureza. Durante o evento, cada coordenador de sessão de apresentação de trabalho indicou um texto para publicação. Dentre estes, dez foram selecionados por nós, coordenadores do evento, como uma

amostra significativa das discussões levantadas durante as apresentações. Tratamos de contemplar todos os eixos temáticos do evento, a saber: Ecologia nas cidades, Sistemas de espaços livres, Expansão urbana, Padrões morfológicos, e História e patrimônio.

O trabalho de Homero Marconi Penteado, intitulado “A onça no condomínio”, trata de conceitos da ecologia da paisagem voltados ao planejamento ambiental a partir de um estudo de caso extremamente original. O caso estudado, por um lado, mostra o papel de um corredor ecológico mas, por outro, revela sua outra face pouco considerada, numa tentativa de compreender as relações entre os arranjos dos espaços livres e a biodiversidade.

O estudo do bairro do Restelo permitiu a Patrícia Bento d’Almeida e Teresa Marat-Mendes analisar a evolução de uma área de Lisboa, apontar as referências urbanísticas dos projetos que a constituíram e sugerir que sua resultante qualidade ambiental pode ser um parâmetro projetual contemporâneo.

Associando “Paisagens produtivas e sustentabilidade”, Alina Mesquita explorou o planejamento e o projeto de espaços públicos produtivos através da criação de três tipologias verdes para a cidade de Niterói, chamando a atenção para a participação da população no processo de planejamento e a formulação de políticas públicas que articulem e potencializem os benefícios gerados por esses espaços.

Em “Padrões urbanos facilitadores da recarga de aquíferos”, Aline Olivera, Maria do Carmo Bezerra, Maria Elisa Costa e Sergio Koide simularam três situações em Brasília (área não-ocupada, área ocupada segundo normas vigentes e área ocupada com normas alteradas) de modo a considerar o escoamento e a infiltração da água pluvial, visando identificar padrões urbanos de baixo impacto para áreas com sensibilidade à recarga de aquíferos.

O artigo de Juliana Rammé e Silvia Pina, “Os padrões morfológicos das Vilas de Itaipu”, reconheceu o padrão morfológico de vilas habitacionais construídas em terras brasileira e paraguaia por ocasião da implantação da hidrelétrica de Itaipu através de um estudo comparativo. O trabalho aponta um padrão morfológico das vilas paraguaias mais consoante com a

cidade real, da qual estão próximas, e, no caso brasileiro, indica que, nas vilas implantadas distantes da cidade, o padrão morfológico é radicalmente inovador, bastante idealizado, com fortes referências do urbanismo modernista, e que o rechaço cultural ao modelo modernista impediu seu prolongamento, tendo acontecido o oposto no caso paraguaio.

Com um caso original e fascinante, o texto de Luana Pinheiro e Ana Cláudia Cardoso, intitulado “A comunidade flutuante Lago Catalão – Iranduba, AM”, analisa a forma do assentamento flutuante considerando os elementos que norteiam as suas (re)configurações espaciais, evidenciando a sua capacidade de resposta às condições do sítio e as dinâmicas ambientais inerentes à sua macrorregião, de modo a revelar a identidade ribeirinha da Amazônia do século XXI.

A partir do estudo da cidade de Maringá, Izabela Bombo e Karin Meneguetti exploram as permanências e transformações na paisagem de uma cidade nova planejada e aplicam à realidade brasileira o conceito italiano de tipo para reconhecer, na cultura edilícia de uma cidade nova, que o projeto de novas edificações pode evitar soluções inapropriadas, indo ao encontro daquilo que se mostra próprio de cada lugar.

O trabalho de Staël Pereira Costa, Maria Cristina Teixeira, Marina Salgado, Maria Manoela Netto, Elieth Sousa e Vivian Polyana Rezende também se enquadra entre os estudos teóricos da morfologia urbana a partir da revisão e adaptação de conceitos e teorias europeus e trata de elaborar uma contribuição para a definição mais clara de dois conceitos inconclusos das escolas de morfologia, italiana e inglesa, a saber, respectivamente: tipo territorial e região morfogenética.

O artigo “Taxonomia tipomórfica: um método para classificar a diversidade morfológica urbana”, de autoria de Fernando Gomes e Leonardo Coelho, apresenta um estudo abrangente e impressionante, que resulta em uma potencial ferramenta de planejamento: um algoritmo para a definição de uma forma urbana mais complexa, considerando densidade e tipos variados.

Por fim, o artigo “Datas de terra no parcelamento urbano colonial e seu impacto

na morfologia urbana: o caso de Campinas, Brasil (1815-1859)”, de Rodolpho Corrêa, Silvia Pina e Evandro Monteiro, relata um estudo de caso que se insere na relação entre história da cidade e história do urbanismo a partir de uma abordagem morfológica e revela um modo específico de planejar e construir a cidade.

Esperamos que estes textos contribuam para a consolidação da morfologia urbana no Brasil e, mais que isso, incrementem as

relações entre a forma urbana e a natureza, como uma estratégia para melhorar a vida nas cidades.

Karin Schwabe Meneguetti

Renato Leão Rego

Gislaine Elizete Beloto

Editores da seção temática
“Seleção de Artigos PNUM”